



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Polarização e conflito: possibilidades para a escalada da incivilidade política no Brasil

Polarization and conflict: possibilities for political incivility escalation in Brazil

Angelo Arlindo Carnieletto Müller

Palavras-chave: Discurso incivil; clivagem política; polarização; intolerância; conflito.

Característica marcante dos sistemas democráticos, a deliberação política, hoje, reflete a busca pelo poder (Carr, 1981; Huntington, 2010). E quando o consenso é deixado de lado, a resultante desse processo é uma prática com vocação abertamente voltada para o conflito. Na medida em que a informação política se tornou mais presente na vida civil, houve a ampliação dessa arena de conflito e o aumento da percepção sobre o estado de polarização. O presente estudo, através de revisão bibliográfica, procura apontar os possíveis resultados de um processo de escalada de incivilidade, no atual ambiente midiático, utilizando por base os trabalhos de Gordon Allport (1979), Cees Hamelink (2011), Cristian Vaccari (2013) e Sidney Tarrow (2013).

Muito embora exista uma corrente de analistas que considere as provocações, falácias e estratégias retóricas como elementos próprios do jogo da persuasão (Goffman, 2013; Charaudeau, 2015; Van Dijk, 1997), cada vez mais autores têm se interessado pela resultante do uso desse tipo de linguagem, conferindo aos discursos um papel fundamental, não só na formação das opiniões, mas também dos conflitos (Busch, 2006; Baldassari & Berman, 2007).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

No Brasil, os discursos de caráter derogatório são frequentes nas interações políticas, mesmo quando não apresentam relação direta com características desejadas nos titulares de cargos públicos, como competência e probidade, justamente porque a disputa não se trata mais apenas de uma comparação entre projetos ou executores políticos. Essas mensagens têm por objetivo desconstruir na totalidade o caráter de seus alvos e vincular os seus significados negativos a todos indivíduos que fazem parte do grupo de apoiadores do adversário. Adotadas e repetidas como parte de uma grande narrativa, que reedita a luta entre o bem e o mal, aprofundam o estado de polarização e criam um ambiente de desconfiança e tensão que só pode ser atenuado diante da segurança e da aprovação encontradas dentro do próprio grupo.

Para Karina Korostelina (2014) discursos que envolvam o engajamento de grupos político-ideológicos polarizados têm o poder de gerar reações desproporcionais, como abalos da autoconfiança ou, até mesmo, o comportamento violento. Tais discursos, afirma a autora, também poderiam funcionar como “gatilhos para transformações sociais e mudanças radicais, incluindo revoluções” (Korostelina, 2014, p. 4). Da mesma forma, Robert Michels (1982) e Joseph Schumpeter (1942), já haviam ressaltado essa vocação política e ideológica para a violência. O primeiro, em sua construção sobre a ideologia do *Bonapartismo*, afirmou que tal ideologia admitiria o *extermínio* de todos aqueles que se colocassem contra o governo, pois, “em nome da soberania do povo, é (*seria*) razoável e necessário que os adversários do governo sejam (*fossem*) eliminados” (Michels, [1925] 1982, p. 123).

Tal apelo ao extermínio de adversários políticos, é digno de nota porque lança sobre a política, tão e somente, independentemente de questões raciais ou religiosas, a possibilidade do genocídio. De fato, o termo “politicídio” (Harff, 2003) passa a aparecer na literatura depois que uma análise de mais de 250 conflitos violentos, que geraram assassinatos em massa, ocorridos desde o final da Segunda Guerra Mundial, revelou que



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

esses eventos apresentaram como fator determinante o posicionamento político de suas vítimas.

Como vimos, a possibilidade de desdobramentos radicais ocorrerem a partir de diferenças políticas encontra fundamentação teórica e histórica, em atos tão violentos quanto aqueles gerados por diferenças raciais ou religiosas. Essa potencial irracionalidade política capaz de levar ao conflito de grandes proporções seria levantada por Schumpeter (1942) quando o autor, ao se referir à democracia, afirma ser ela um “ente” capaz de substituir a fé Cristã. Conforme seu argumento, a fé na democracia seria capaz de condicionar a atitude dos indivíduos diante das críticas aos seus sistemas de crenças, no sentido de que eventuais ameaças às suas visões políticas pudessem ser tomadas como tão ultrajantes e ofensivas como se houvessem sido feitas em relação a uma crença religiosa. Assim, questionar uma ideologia, em certos ambientes políticos, estaria relacionado à ideia pecado, e a defesa da dignidade ameaçada por essas críticas poderia, então, ser realizada com o mesmo fervor que a fé religiosa demanda.

Para Gordon Allport (1979, p. 57), a erupção da violência seria sempre um resultado crescente a partir de estados mentais suaves, onde, sob certas circunstâncias, haveria “[...] uma progressão gradual da agressão verbal para a violência, do rumor para o motim, e da fofoca para o genocídio”. O autor defende, em seu trabalho seminal sobre o preconceito, que, na dinâmica dos grupos, para que se chegue na condição do ataque físico, se passaria necessariamente por uma fase inicial, que seria a da antilocução. Entendida como uma locução negativa, a *antilocução*, seria compatível com a proposta de Waldron (2012) para o discurso do ódio, se compreendida como a verbalização de preconceitos, insultos e ideias que associem, predominantemente, um grupo alvo a uma condição de inferioridade (que pode ser física, ética, moral, etc.). Allport (1979)



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

afirmava que certos graus de antilocução poderiam estar presentes em brincadeiras amistosas, mas que, graus mais elevados dessa animosidade, poderiam ser percebidos quando os indivíduos atribuíam nomes aos indivíduos ou grupos alvo dos discursos¹.

Se o uso e a criação de expressões derogatórias denotam um alto grau de animosidade, de acordo com Allport (1979), fato ainda mais importante se dá quando elas são enunciadas por pessoas com um nível cultural elevado. Para o autor, o uso das expressões e epítetos carregados de incitação ao ódio e ao conflito, teria menos força ao ser originária de pessoas com nível cultural inferior, em comparação aqueles indivíduos que dominariam suficientemente o vocabulário para evitarem o seu uso.

O problema dos discursos coléricos e de incitação ao ódio acaba se tornando ainda maior quando quem baliza a esfera discursiva é o Estado ou algum de seus representantes oficiais (Butler, 1997; Harff, 2010; Benesch, 2012). Disso temos exemplos extremos na Alemanha nazista, ainda que não se possa dizer que a totalidade da população alemã tenha apoiado o plano da Solução Final contra os Judeus² (Longerich, 2010; Mazower, 2012; Friedlander, 2012), e no Genocídio de Ruanda (Keane, 1995; Mamdani, 2001), quando o governo, através do apoio à RTLMC, deixou claro a necessidade de exterminar a ameaça Toutsis. E quando o discurso oficial está por trás de discursos de incitação ao ódio, por mais sutis que eles possam parecer, eles passam a carregar um caráter de verdade última, de pressuposto a partir do qual as realidades são construídas (Allport, 1979).

¹ O autor utiliza como exemplos as expressões em inglês: “nigger”, “kike” ou “wop”, que se referiam a negros, judeus e italianos.

² Ao contrário, esse foi um plano arquitetado nos bastidores do NSDAP e da cúpula do Gabinete de Guerra de Hitler para evitar justamente a oposição da opinião pública nacional e internacional.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Um outro aspecto que Allport (1979) trabalha é o da incorporação de tais expressões no vocabulário comum. Para o autor, “quanto mais irrelevante e espontânea for a antilocução, mais forte a hostilidade que haveria por trás dela” (Allport, 1979, p. 50), ou seja, na medida em que a antilocução se consolida no léxico de uma sociedade, estaria se consolidando também a animosidade representada por ela. E quando as antilocuções atingem elevados graus de intensidade, as probabilidades para que tais comportamentos estejam relacionados com elevados graus de preconceito e violência também aumentam.

O papel dos rumores também seria relevante na dinâmica dos sentimentos de animosidade. Eles cumpririam, de maneira similar, uma das funções do discurso de ódio propostas, mais tarde, por Jeremy Waldron (2012), no que diz respeito à criação de uma atmosfera propícia para o desenvolvimento de sentimentos de animosidade. Nesse sentido, é preciso considerar as novas mídias e a transformação do processo de transmissão e produção da informação, ao abrirem os portões antes guardados pela figura dos *gatekeepers* (Vowe & Henn, 2015). Com essa liberdade de publicação característica da internet, não só a repercussão dos *take-off issues* políticos, mas a produção de informação com potencial para o incentivo aos conflitos proliferou significativamente (Aggio, 2016), fazendo com que os rumores - transmitidos por blogs, tuítes, compartilhados nas redes sociais ou viralizados através dos *memes* – passassem a competir com mais força com as informações geradas pelas mídias tradicionais (Malini, 2007).



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Referências bibliográficas

- AGGIO, Camilo de Oliveira. Campanhas online e Twitter: a interação entre campanhas e eleitores nas eleições presidenciais brasileiras de 2010. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 23, n. 1, Porto Alegre: EdipucRS, 2016.
- ALLPORT, Gordon. **The Nature of Prejudice. 25th Anniversary Edition**. New York: Basic Books, 1979.
- BALDASSARRI, Delia; BEARMAN, Peter. Dynamics of political polarization. **American sociological review**, v. 72, n. 5, p. 784-811, 2007.
- BENESCH, Susan. Words as weapons. **World Policy Journal**, v. 29, n. 1, p. 7-12, 2012.
- BUSCH, Brigitta. Media, politics, and discourse: interactions. **Encyclopedia of language & linguistics**, v. 2, p. 609-616, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. **O Discurso Político**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- CARR, Edward Hallett. **Vinte anos de crise: 1919-1939**. ED. Universidade de Brasília, 1981.
- FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus. Vol. 1. Os anos de perseguição, 1933-1939**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012.
- GOFFMAN, Erwin. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 19. Ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2013.
- HAMELINK, Cees J. **Media and Conflict. Escalating Evil**. Boulder, CO: Paradigm Publishers, 2011.
- HARFF, Barbara. No lessons learned from the Holocaust: Assessing risks of genocide and political mass murder since 1955. **American Political Science Review**, vol. 97, n. 1, 2003.
- HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

KOROSTELINA, Karina V. **Political Insults: How Offenses Escalate Conflict**. New York: Oxford University Press, 2014.

LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels. Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

MALINI, Fábio. A opinião pública distribuída: blogs e jornalismo nas Eleições Brasileiras de 2006. **Revista E-compós**, Brasília, vol. 9, 2007.

MAZOWER, Mark. **O Império de Hitler. A Europa sob o Domínio Nazista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MICHELS, Robert. **Os Partidos Políticos**. Tradução de Hamilton Trevisan. São Paulo: Editora Senzala, 1949.

SCHUMPETEER, Joseph. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Cultura, 1961.

TARROW, Sidney. **The Language of Contention**. New York: Cambridge University Press: 2013.

VACCARI, Cristian. **Digital Politics in Western Democracies. A comparative Study**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2013.

VAN DIJK, Teun A. et al. What is political discourse analysis. **Belgian journal of linguistics**, v. 11, n. 1, p. 11-52, 1997.

VOWE, Gerhard; HENN, Philipp (Ed.). **Political Communication in the Online World: Theoretical Approaches and Research Designs**. Routledge, 2015.

WALDRON, J. **The Harm in Hate Speech**. Cambridge: The Harvard University Press, 2012.